

Leonardo Boff

É teólogo e filósofo

/// Da personalidade de Trump se pode esperar tudo. Habitado a negócios tenebrosos, como são, de modo geral, os empreendimentos imobiliários nova-iorquinos, sem qualquer experiência política, ele pode deslançar crises para a sociedade norte-americana e altamente ameaçadoras para o resto da humanidade

Trump: uma nova etapa da história?

Há anos se notava, um pouco em todas as partes do mundo, a ascensão de um pensamento conservador e de movimentos que se definiam como de direita. Com isso, se sinalizava um tipo de sociedade na qual a ordem prevalecia sobre a liberdade, os valores tradicionais se impunham aos modernos, e a supremacia da autoridade se sobrepunha à liberdade democrática.

Esse fenômeno deriva de muitos fatores, mas, principalmente, da erosão das referências de valor, que conferiam coesão a uma sociedade e forneciam um sentido coletivo de convivência. O predomínio da cultura do capital, com seu propósito ligado ao individualismo, à acumulação ilimitada de bens materiais e, principalmente, à competição, deixando praticamente pouco espaço para a cooperação, contaminou praticamente toda a humanidade, gerando confusão ético-espiritual e perda de sentimento de pertença a uma única humanidade, habitando uma Casa Comum. Emergiu a sociedade líquida, na linguagem de Bauman, na qual nada é sólido, crescido com o espírito pós-moderno do “everything goes”, do vale tudo, na medida em que o que conta é o que realiza um objetivo buscado por cada um, consoante suas preferências.

Estamos, pois, diante de uma profunda crise de civilização. Diluíram-se as es-

trelas-guias e surgiu seu oposto dialético: a busca de segurança, de ordem, de autoridade, de normas claras e de caminhos bem definidos. Na base do conservadorismo e da direita, em política, em ética e em religião se encontra este tipo de percepção das coisas. Ela está a um passo do fascismo, como se verificou na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussolini.

Na Europa, na América Latina e nos Estados Unidos, estas tendências foram ganhando força social e política. No Brasil, foi este espírito conservador e direitista que projetou o golpe de classe jurídico-parlamentar que destituiu a presidenta Dilma Rousseff. O que se seguiu foi a implantação de políticas claramente de direita, anti-povo, negadoras de direitos sociais e retrógradas em termos culturais.

Mas essa tendência conservadora alcançou sua dimensão mais expressiva na potência central do sistema-mundo, os Estados Unidos, confirmada pela eleição de Donald Trump à presi-

dência daquele país. Aqui, o conservadorismo e a política de direita se mostram sem metáforas e de forma deslavada e até rude, como ocorreu na quebra de relação, por parte de Trump, com o presidente do México, que foi grosseiramente humilhado.

Trump, em seus primeiros atos, começou a desmontar as conquistas sociais alcançadas por Obama. Populismo, nacionalismo, patriotismo, conservadorismo, isolacionismo: são suas características mais claras.

Seu discurso inaugural é aterrador: “de hoje em diante, uma nova visão governará a nossa terra. A partir deste momento, só os Estados Unidos serão o primeiro”. O “primeiro” (“first”), aqui, deve ser entendido como “só (‘only’) os Estados Unidos vão contar”. Radicaliza sua visão ao término de seu discurso com evidente arrogância: “Juntos, faremos que os Estados Unidos

voltem a ser fortes. Faremos que os Estados Unidos voltem a ser prósperos. Faremos que os Estados Unidos voltem a ser orgulhosos. Faremos que os Estados Unidos voltem a ser seguros de novo. E juntos faremos que os Estados Unidos sejam grandes de novo”.

Subjacente a estas palavras, funciona a ideologia do “destino manifesto”, da excepcionalidade dos Estados Unidos, sempre presente nos presidentes anterio-

res, inclusive em Obama. Quer dizer, os Estados Unidos presumem possuir uma missão única e divina no mundo, a de levar seus valores de direitos, da propriedade privada e da democracia liberal para o resto da humanidade.

Para ele, o mundo praticamente não existe. E, se existe, é visto de forma negativa. Quebrou os laços de solidariedade para com os aliados tradicionais, como a União Europeia, retirou-se da cena internacional deixando cada país livre para eventuais aventuras contra seus contendores históricos e abrindo espaço para o expansionismo de potências regionais, incluindo eventualmente guerras letais.

Da personalidade de Trump se pode esperar tudo. Habitado a negócios tenebrosos, como são, de modo geral, os empreendimentos imobiliários nova-iorquinos, sem qualquer experiência política, ele pode deslançar crises para a sociedade norte-americana e altamente ameaçadoras para o resto da humanidade (como, por exemplo, uma eventual guerra contra China, ou a Coreia do Norte, onde não se exclui a utilização de armas nucleares).

Sua personalidade denota características psicológicas desviantes; é narcisista, com um ego super-inflado, maior que seu próprio país.

A frase que nos assusta é esta: “de hoje em diante, uma nova visão governará a terra”. Não sei se Trump está pensando apenas nos Estados Unidos, ou no planeta Terra. Provavelmente, as duas coisas para ele se identificam. Se for verdade, teremos que rezar para que o pior não aconteça para o futuro da civilização.



Diemerson Saquetto

É doutor em Psicologia e presidente do Conselho Regional de Psicologia (CRP-ES)

/// O fundamentalismo não é exclusividade de um grupo religioso. Ele pode ser visualizado na forma de preconceito

A intolerância nos tempos de cólera

Por mais que o amor de Gabriel Elígio e Luiza tenha se perpetuado justamente pela criatividade comunicadora do telegrafista do romance de Garcia Marques, nossa sociedade tem se tornado cada vez mais intolerante justamente pelas mesmas vias das redes abusivas de uma comunicação que demoniza o outro.

Presenciamos verdades sendo fabricadas com uma velocidade espantosa, e

não que exista incoerência entre esses artefatos culturais e os fatos, mas a necessidade de afirmação grupal faz com que aspectos de verdade tornem-se algo verdadeiro. As pessoas em nossa sociedade têm se apropriado da ideia de defesa de um grupo e emitem suas opiniões sobre os cacos dessa verdade.

A política, por exemplo, se tornou um fronte de guerra, e quando uma notícia

é apresentada logo surge um campo frenético de emissões de verdades que são mais semelhantes aos dogmatismos. Os inimigos dessas verdades construídas, antes afastados em outro país, numa ideologia política distante, ou num grupo econômico invisível, estão cada vez mais próximos. Eles estão entre os familiares do grupo do WhatsApp. Os tolos, agora, são nossos vizinhos e colegas de trabalho.

A informação é cada vez mais fluida e apodrecida em corpos cada vez mais rígidos. O mito da democracia racial no Brasil, por exemplo, é cotidianamente desmascarado pela violência do racismo. Os apedrejamentos em praça pública foram substituídos

pelo bullying escolar. A violência de gênero é aplaudida como ao final de um espetáculo circense.

No último dia 21 de janeiro, a sociedade escolheu comemorar a tolerância religiosa. Momento para uma reflexão séria sobre como as religiosidades e as muitas maneiras de exercer a espiritualidade podem aguçar o abraço acolhedor da universalidade e da aceitação das diferenças. O fundamentalismo não é exclusividade de um grupo religioso distante e armado. Ele tem Estado cada vez mais próximo, e pode ser visualizado na forma de preconceito e discriminação. Quantos são os apriados na exclusão? É tempo de libertação, reflexão e tolerância.